



Festival Palotino da Canção - 2016

TEXTO BASE - ETERNA É A SUA MISERICÓRDIA

Achylle Aleixo Rubin, SAC - Cascavel: ed. Alicerce, 2003.

(adaptação do Capítulo 12, p.133 - 145).

Gostaria de destacar o exemplo de um santo que de forma brilhante experimentou e proclamou a Divina Misericórdia. Trata-se de São Vicente Pallotti, fundador dos padres palotinos, a cuja comunidade pertenço. Todos os santos possuem traços característicos em sua fisionomia espiritual. Santa Teresa do Menino Jesus, por exemplo, escreveu que Deus lhe fez compreender, que sua missão dentro da Igreja era de ser o amor. Pois bem, São Vicente Pallotti, ao caracterizar seu estado de espírito, compreendeu que sua identidade dentro da Igreja era de ser "um prodígio novo de Misericórdia". Escreve: "no dia 26 de março de 1840, depois de eu ter celebrado o divino Sacrifício, senti, ó meu Deus, meu Pai, misericórdia minha infinita, que Vós, para triunfar misericordiosamente sobre minha infinita indignidade, pelos merecimentos de vosso Unigênito, Nosso Senhor Jesus Cristo... vos dignastes destruir em mim todo o meu eu, formar e criar em mim um prodígio novo de misericórdia, e me constituir, na vossa Igreja, como um prodígio novo de Misericórdia..." (São Vicente Pallotti. OOCC X, 211.)

Comparando-se ele com Maria, dizia: "Maria Santíssima, feita Mãe de Deus e prodígio de graça... eu, feito sacerdote e prodígio de misericórdia...". A experiência da Divina Misericórdia era nele notável. Em determinadas ocasiões, porém, experimentou-a com mais intensidade, como aconteceu nos primeiros dias de um retiro em que, tendo passado a "reordenar seu pobre espírito", escreve: "... passei a sentir-me mergulhado num mar imenso de divinas misericórdias...". Era tão viva a consciência do amor misericordioso de Deus para com ele que, muitas vezes, escrevia palavras ousadas. Ainda jovem, com 21 anos, escreveu: "Tenho por certo que Deus, em razão de sua infinita bondade e de sua caridade infinita, se pudesse fazer-me verdadeiro Deus... me faria verdadeiro Deus. Ó, que amor de Deus! Que caridade infinita de Deus para comigo" (OOCC X, 143).

Noutra oportunidade, depois de louvar a Deus por "derramar sobre mim dilúvios de graças, de favores, de dons e de misericórdia", convoca todas as criaturas para virem "adorar o amor infinito, o enlouquecido de amor...". Pois, continua: "meu Deus... digo-o como para expressar-me, não posso deixar de compadecer-vos, porque o amor infinito com que me amais vos força a vir a mim, a estar comigo e a fazer-me uma coisa só com todo o vosso ser. Meu Deus, o amor vos força a excessos" (OOCC X, 277).

Num retiro, em 1839, escreveu quatro páginas parafraseando o Magnificat de Maria, aplicando-o à sua vida, onde repete a palavra misericórdia cerca de 20 vezes. Fato notável nessas páginas é o testemunho de que, dia 14 de julho, festa de S. Boaventura, "enquanto estava a considerar que a misericórdia infinita... se fez, através da comunhão eucarística, comida, alimento, nutrimento de minha alma, entendi, então,

que a própria justiça infinita de Deus é infinitamente misericordiosa" (OCC X, 319-325).

Contraponto da misericórdia de Deus para com ele era a agudíssima consciência de sua incorrespondência, de sua ingratidão. Aqui também chega a ser exagerado em suas expressões, como ele próprio reconheceu. Dizia-se "causa de todos os males passados, presentes, futuros e possíveis". Oito meses antes de sua morte, escreve: "...já transcorrido o quinquagésimo quinto ano de vossas infinitas misericórdias sobre mim e de minhas inumeráveis e monstruosíssimas ingratidões, pecados, escândalos, hipocrisias..." (OCC X, 275).

Chamava-se "*o homem do pecado*" e, entretanto, confiava na misericórdia de Jesus que sofreu tanto por ele: "... onde está o homem do pecado? Ei-lo, sou eu o homem do pecado! Ó, meu Deus, sei que eu sou o homem do pecado, contudo, não me entendo, não me envergonho, não me arrependo, não me humilho... Entretanto, não posso desesperar Eis Jesus Cristo: ele me conhece e me comprehende perfeitissimamente, comprehende como sou o homem do pecado. Ele por mim se rebaixou, por mim se humilhou, por mim padeceu até agonizar e suar sangue... sofreu e satisfaz por mim até a morte de Cruz" (OCC X, 700).

Preclaríssimo foi seu relacionamento com Maria. Chamava-a sempre de Mãe da Misericórdia. Consta como caso único na história dos santos que Pallotti teve a graça do matrimônio espiritual com Maria. Deixemos que no-lo diga com suas próprias palavras: "No último dia do ano de 1832, a grande Mãe de Misericórdia, para triunfar com o milagre da misericórdia sobre a ingratidão e a inconcebível indignidade do mais miserável que jamais tenha existido, ou que possa existir, entre os súbditos de seu Reino de Misericórdia, dignouse, misericordiosíssimamente, celebrar o matrimônio espiritual com tal súbito e lhe conceder, como dote, tudo quanto possui, e lhe fazer reconhecer o seu próprio Filho divino e, sendo ela a Esposa do Espírito Santo, empenhar-se para que seja todo inteiramente transformado no mesmo Espírito Santo..." (OCC X, 195).

Pallotti termina o relato repetindo cerca de dez vezes a palavra misericórdia, como também a palavra amor, já que não encontrava maneira de expressar o que estava sentindo. [...] Neste grau, Pallotti, como vimos acima, testemunha as maravilhas de misericórdia que Deus Pai operou nele, pois, confessou: "...vos dignastes destruir em mim todo o meu eu, formar e criar em mim um prodígio novo de misericórdia, e me constituir, na vossa Igreja, como um prodígio novo de Misericórdia". [...]

A misericórdia, com efeito, é aquela tristeza do coração diante da indigência do próximo; tristeza que se debruça sobre o próximo, a fim de socorrê-lo em suas indigências. A maior delas, entretanto, consiste na falta de fé, no estado de afastamento de Deus que caracteriza o pecado. Daí que Pallotti apela e repete que "*todos, todos, todos*", se empenhem no socorro a tais indigentes.

Recomenda-nos, a caridade, "*exercida com mais vigor e de toda forma possível, em favor dos mais necessitados. Ora, no que se refere à fé, a porção o mais carente de nossos próximos é a dos hereges e infiéis*" (cf. OCC X, 117-118). Hoje, diríamos melhor, os afastados de Deus, os dependentes dos ídolos, os pecadores. Portanto, movidos por entradas de misericórdia "*qual seria o poderoso deste mundo... o grande, o nobre... o douto... o abastado... o cidadão... o profissional...*" o da vida ativa, ou o da vida contemplativa, que se recusasse a empregar todos os meios, "*sempre no sentido de que, logo e muito logo, chegue a hora em que haja um só rebanho e um só pastor?*" (OCC X, 85).